

# Pela unidade de Minas

NEWTON CARDOSO

**O**s cidadãos brasileiros que têm acompanhado, nos últimos meses, a polémica em torno da criação de um chamado Estado do Triângulo, tendo como base territorial uma extensa região de Minas Gerais, certamente já perceberam o absurdo e a inoportunidade de tal proposta, que caberá à Assembléia Nacional Constituinte apreciar nos próximos dias.

O que talvez a maioria dos brasileiros não saiba é que esta não é a primeira vez que pequenos grupos, situados na região do Triângulo de Minas, ou mesmo fora do Estado, tentam manipular a consciência nacional para que aceite e endosse a divisão do território mineiro.

Não é a primeira vez e, provavelmente, não será a última, porque esses grupos econômicos e políticos, que só pensam e agem movidos por seu próprio e mesquinho interesse, caracterizam-se pela feroz persistência com que buscam realizar seus objetivos.

Desta vez, entretanto, aproveitando que a Assembléia Nacional Constituinte está realizando — na expressão de alguns — um trabalho que significa “passar o Brasil a limpo”, esses grupos foram longe demais e obrigaram os mineiros a resistir e responder com a mais emocionante, firme e decidida manifestação de unidade política que pudemos ver nas últimas décadas.

Mineiros que vivem em Minas ou que se encontram em todos os Estados brasileiros e até no exterior têm se mobilizado para transmitir aos deputados e senadores constituintes aquela que é a mais sintética expressão da realidade política do nosso Estado: “Minas é indivisível”.

Essas iniciativas, entretanto, poderiam ser classificadas por alguns como “rompantes emocionais” ou gestos puramente afetivos. E, no mais extremo de uma posição crítica, poderiam até ser chamados de atitudes conservadoras, reacionárias, de resistência à mudança.

Admitindo que pessoas de boa-fé possam pensar assim, iludidas pela argumentação falaciosa de que a região do Triângulo Mineiro é tão próspera que não precisa de Minas, decidi levar pessoalmente à população do Triângulo algumas informações sobre o que o Estado já realizou

na região, está realizando ou pretende realizar em breve. E, ao mesmo tempo, analisamos juntos — com sinceridade — o que a região representa para Minas.

Seria interessante, talvez, que todos os brasileiros conhecessem detalhadamente esses números e essas realidades, para que compreendessem melhor a questão. Mas o volume de dados, a magnitude dos recursos financeiros investidos na região e a dimensão econômica e social dos programas que se encontram em execução não caberiam nos limites deste artigo.

Sinteticamente, entretanto, poderíamos afirmar que — se houvesse algum dia uma divisão do território mineiro — perderíamos todos: não apenas o Triângulo e seu povo, não apenas Minas, mas todo o Brasil.

Se a economia do Triângulo Mineiro atingiu os níveis de prosperidade que hoje apresenta, é porque canalizamos para a região recursos que, só este ano, representam 15 por cento da receita do ICM do Estado, enquanto a região contribuiu com apenas 12 por cento da mesma arrecadação global de ICM em Minas, no ano passado.

Se levarmos em conta que o Triângulo Mineiro é, realmente, uma das regiões mais desenvolvidas do Estado, poder-se-ia até acusar o Governo de Minas de estar deixando de investir nas regiões mais carentes para privilegiar aquela que é mais próspera.

Entretanto, quando se executa um programa global de desenvolvimento econômico e social — como o que estamos realizando em Minas — as opções estratégicas não podem ser avaliadas com esse nível de simplificação.

Investir no Triângulo — às vezes sacrificando uma ou outra região — é uma opção consciente que Minas está fazendo no setor mais moderno e produtivo de sua economia, ao mesmo tempo em que investe um imenso volume de recursos nas regiões mais carentes e cuja economia ainda não decolou.

É do equilíbrio entre esses diversos programas regionais que iremos extrair resultados econômicos e sociais benéficos ao conjunto da população mineira.

Por isso, afirmamos à população do Triângulo Mineiro — e ela nos compreendeu — que seria a primeira vítima dos separatistas. De onde viriam os recursos no montante de US\$ 702,5 milhões que estamos investindo na região, este ano, somente no setor energético, por exemplo?

Transformada em Estado, que poder de negociação — a nível internacional — teria a região do Triângulo Mineiro, quando necessitasse de recursos externos para investir nos programas de desenvolvimento da indústria e da agropecuária, como aqueles que estamos realizando ali?

Quando levamos esses fatos, recentemente, aos mineiros do Triângulo, os resultados dessa franqueza e sinceridade foram imediatos: dezenas de prefeitos municipais da região já se declararam absolutamente convencidos de que a divisão não interessa a Minas, não interessa ao Triângulo e só trará prejuízos para o seu povo.

A quem interessaria, então, a concretização desse projeto?

Talvez ao Brasil como um todo, os leitores deste jornal poderão responder.

Mas será que interessa efetivamente ao Brasil, neste momento em que nos unimos para enfrentar a crise, dividir um Estado ao custo de US\$ 2 bilhões, quantia mínima necessária à implantação das estruturas administrativas e políticas que um novo Estado teria que montar?

Será que interessa aos brasileiros do Acre, de São Paulo, do Rio de Janeiro ou do Ceará pagar US\$ 2 bilhões para que sejam contratados milhares de funcionários públicos, policiais, escrivães e todos os outros ocupantes de cargo que um novo Estado teria que criar?

É justo que se divida com um cidadão de Pernambuco ou da Bahia o custo da eleição de novos deputados estaduais, federais e senadores que o novo Estado teria de escolher? Cremos que não.

Quanto a nós, mais de 15 milhões de mineiros, somos pela unidade de Minas, porque esta é a melhor forma que encontramos até hoje de servir ao Brasil.

Newton Cardoso é Governador de Minas Gerais.